

VERISSIMO

Outras Copas

O primeiro jogo de Copa do Mundo a que assisti foi em Porto Alegre. Copa de 50, Iugoslávia x México. Fiquei atrás de uma das goleiras e me lembro de um atacante iugoslavo dando um soco na barriga do goleiro mexicano. O juiz não viu, ninguém viu, acho que só eu vi. O bandido continuou em campo, e a Iugoslávia ganhou o jogo. Ou foi empate? Enfim, faz tempo. A Iugoslávia nem existe mais. Meu jogo de Copa inesquecível foi aquele

Brasil e França, no México, em 1986. O que perdemos nos pênaltis. A seleção brasileira de 86 era remanescente da seleção de 82, a que não podia perder, na Espanha, e perdeu. Portanto, uma seleção ferida. Em 82, jogadores como Falcão, Zico, Sócrates, Júnior, Eder ainda estavam em grande forma. 82 era para ter sido o ano deles. Não deu. Aquela foi uma geração sem apoteose, pelo menos em Copas do Mundo. Mas fizeram um grande jogo contra a França, em Guadalajara. Falcão não jogou contra a França. Zico não começou, entrou no lugar do Müller. Lá estava o Careca, um dos melhores centroavantes que já vi jogar. O zagueiro Júlio César, que, sempre achei, merecia uma carreira melhor do que a

que teve. Elzo e Alemão no meio, Iosimar e Branco nas laterais. Sócrates na frente. Curiosidade: de todos os jogadores brasileiros no México em 86, só dois, Edinho e Júnior, jogavam em times do exterior. O Falcão já tinha voltado, do Roma para o São Paulo. 86 foi antes da diáspora.

Meu jogo de Copa inesquecível foi Brasil e França, no México, em 86. O que perdemos nos pênaltis. A seleção de 86 era remanescente da de 82, a que não podia perder, e perdeu

Os franceses tinham Giresse, Tigana e o grande Platini, mas quem acabou conosco foi o Hernandez. Fez o gol da vitória na série de pênaltis que desempatarou a partida, e em que o goleiro deles (Bats) delatou o chute do Sócrates, e Platini chutou para fora e o Júlio Cesar chutou na trave. Ficou tudo com o pé do Hernandez. Fui a todas as outras Copas depois da de 86. Só não fui à de 2014, no Brasil, que acompanhei da poltrona. Vi grandes vitórias do Brasil. Mas inesquecível mesmo foi aquela derrota gloriosa em Guadalajara, há 32 anos. Era para redimirem o time de 82, e uma geração inteira. Mas o Hernandez não se apiedou de nós. ●

CACÁ DIEGUES

Essa ilusão à toa

Como sempre, estou escrevendo na sexta-feira. E, nesta sexta-feira, não tem Copa. Pensei que iam entrar escancarado daquele clima de exaltação, daquela tensão que todos nós nos acostumamos a amar tanto. Bobagem. Tensão, exaltação e tudo mais só nos abandonarão depois do dia 15, na ressaca desses dias animados. Mexicano assim, vai depender muito do resultado final.

Antes de a Copa começar, achei que os únicos brasileiros que iriam se excitar com ela seriam os que, por dever de ofício, estão na Rússia para cobrir os acontecimentos. Aquilo que ocorreria a nossos craques e aos craques dos outros. Luraça que ia ser uma Copa fria para o país, chamei-a até de "melancólica", aqui mesmo nesse espaço de jornal. Mas, embora Hegel, por exemplo, não acreditasse muito nisso, o real é capaz de modificar nossa razão. Dito de outro modo, nada é mais forte que o real para fazer nos obedecer.

E o real, em Sochi, Rostov, São Petersburgo, Moscou, ou qualquer outra cidade russa pela qual passamos para jogar ou viver, nos pegou desprevenidos, acelerou nossos corações, perturbou nossos nervos e nos deixou naquele estado que experimentamos em outras Copas. Antes nua, nossas ruas e praças se encheram paulatinamente de símbolos e bandeiras. E soaram todas as batucadas. Não quero dizer, nem posso jurar, que passamos a amar irrestribuída e nosso tempo, nosso hino, a bandeira ou o próprio Brasil, razão de tantos desgostos recentes e ainda em vigor. Mesmo porque, nessas outras Copas que nos deram tantas alegrias, começamos sempre desconfiando de nós mesmos e do que poderíamos conseguir.

Eu sei, é difícil amar uma camisa que representa uma nação que está se desmilitando, em um amarelo de vergonha pela nossa injustiça social, pela corrupção e pela violência que nos dominam, pela polarização boçal entre nossos patrióticos mais inteligentes que não conseguem nos oferecer uma saída. Não podemos amar aquilo que nos faz sofrer.

Mas, de repente, aprendemos a perdoar os exageros de Neymar, cantamos à capela o resto do hino que o protocolo do evento escondia da gente. Ficamos até comovidos quando aquelas meninas abriam o pano e expuseram a enorme bandeira do Brasil sobre o campo onde jogaremos daqui a pouco. Não é propriamente que estejamos orgulhosos do lugar de onde viemos. Não é porque enchemos o peito para dizer quem somos. Não é tanto porque os poucos, de jogo a jogo, vamos acreditando outra



vez na possibilidade de ganharmos essa Copa, como ganhamos as outras cinco. Mas apenas porque, tudo isso somado, diante do que somos, nos lembramos do que gostaríamos de ser.

Porque o Brasil não é, e acho que nunca foi, um projeto de futuro objetivo, embora seja, há muitos anos, há décadas mesmo, quase há séculos, conhecido como o país dele. Um país do futuro.

Quando vejo cada país com seu time em campo, dos franceses aos japoneses, dos ingleses aos senegaleses, dos belgas aos panamenhos, de quase qualquer outra cidadania ao seu contrário, vejo antes de tudo um projeto, realizado ou não, que se traduz por um estilo de vida preciso, uma maneira de ser no mundo que, mesmo que eventualmente frustrada ou ainda inalcançada, dá sentido ao que eles pretendem.

O Brasil, não. O Brasil nunca foi um projeto com essa precisão, essa clareza toda. O Brasil sempre foi uma ilusão, construída por nós mesmos e sustentada por todos nós em diferentes momentos de nossa história.

Nossa vantagem é que o projeto é sempre uma coisa do futuro (quando se batalha por ele) ou do passado (quando ele fracassa). A ilusão, não. A ilusão é uma matéria do presente que po-

de nos enganar, mas que mantém intacta a esperança de sua materialidade. A ilusão nos trouxe até aqui, desde que os europeus aqui chegaram e disseram que em se plantando tudo dá, até a invenção desse futebol irresistível que é pensado como se fosse voluntária construção cultural de um povo. A ilusão do Brasil, desse suposto jeito de ser, é o nosso maior *soft power*.

Entem, sábado, a Copa foi retomada. Não conheço os resultados, mas não gostaria que a Argentina fosse eliminada, como o foi a Alemanha. Tanto uma, quanto outra, são seleções que sabem o que querem e nos ensinam a querer também. Não tenho coragem de torcer contra essa vontade, a não ser quando jogam contra o Brasil. Ai, recolhido a ilusão e vou vivendo desse afago.

No domingo retrasado, cometi um erro pelo qual peço humilde perdão. Na Copa do Mundo de 1950, o narrador do jogo final na rádio Nacional não era Oduvaldo Cozzi, como escrevi ali. Mas Antonio Cordeiro, um locutor sereno e elegante, de quem nunca mais ouvi falar. Ah, a memória. ●

Cacá Diegues é cineasta

Meia oito, 50 anos depois

LUIS TURIBA

A *swop bop a-loo bop a-lap lam boom!* A língua do rock sacode o corpo enquanto o bonde segue no seu elétrico balanço. Festivais da Record bolinam a massa. Um temporal colorido e cabeleudo relampeja.

Sexta sangrenta: furor juvenil. Chapa quente nas refregas. Aquela cabeça brasileira tinha dois chafarizes esguichando sangue como lavas de um vulcão. O corpo tremelcava no chão, tapete roto no asfalto quente — uma dia tarde.

Corriamos ruidosos por encantar bombas, tiros, cães, algemas. Cantávamos palavras de ordem com a força máxima dos pulmões, último desejo de nossa jovem existência. Cada carro incendiado, um gol comemorado. Nunca sobemos-sabermos quem era aquele transeunte moreno alto, de terno mal-ajambrado, tombado como jaca madura no quintal urbano.

Manchete de amanhã: "PM teve cabeça esmagada por máquina de escrever". DOPS procura responsável pela chuva letuada na Av. Rio Branco.

Cantávamos palavras de ordem com a força máxima dos pulmões, último desejo de nossa jovem existência

A fúria azul dos jeans e dos tênis se soltou-se pelo Centro do Rio na aquele pré-inverno. Escancaramento das consciências, ausência de medos & respostas, êxtases & demências, miserere nóbis & ho chi minh, elvis & samba de raiz, jovens-gueto-vermelhos, guerrilheiros de tees e teshes. Braços acima das metáforas e peitos arfados de argonautas. Deus nos liderava nos fragmentos, e o diabo tacava fogo em nossos rabos. Todos os sonhos ativados, chamam lançadas no redemoinho. Tudo a girar como compacto simples em sputniks bêbados. O som dos Beatles na vitrola, tropicália & zicartola, baseados & coquetéis molotows, Tom Jobim versus Vandrê.

Hormônios em ebulição, espermatozoides alcoólicos à beira de um ataque histórico, e os cabelos a crescer em torno daqueles pintos desgovernados e vaginas libertadas. Não bastava só bastar, experimentar para provar as barreiras do impossível, as fronteiras do improvável entre a esquerda festiva e a militância ideográfica, entre o sexo cuba-livre e o grosso calibre sem nexo, entre o ato institucional nº 5 e a Passeata dos 100 mil amores.

Meia oito, ano multatômico mutilador de calendários, impulsos anti-horários. Meiaoitistas! Uni-vos! Eis aqui vossas vidas trocadas pelos livros das facultades e escolas. O sol explode em guerrilhas.

O primeiro grito pós-parto, o primeiro jato de esperma, a primeira cabeça raspada, feita e encaminhada ao universo. A primeira passeata-entero, o cadáver ainda quente do secundarista Edson Luis, nosso estandarte revolucionário. Abaixo a ditadura! Fora o imperialismo! O povo unido! She loves you yeah yeah yeah! A opção pela luta armada depois de um beijo na namorada. Aulas de marxismo-leninismo-stalinismo-maoísmo em ritmo de samba. Homéricos piques com chacha de ebô pa Exu. A primeira senha, o sonho, a sina, sabá versus caracará. Guerra Popular de Lin Piao, cercar as cidades pelo campo. Fim da inocência! Nosso primeiro 69. ●

Luis Turiba é poeta e jornalista

Nacionalismos, paixões clubísticas e estilos

RONALDO HELAL

Em tempos de futebol globalizado, com seleções nacionais sendo formadas por jogadores de diversos países, é curioso observar como as lealdades, os nacionalismos e as paixões clubísticas se manifestam neste ambiente.

Aqui no Brasil temos observado torcedores do Vasco comemorando de forma mais entusiástica os gols e passes de Coutinho, formado nas divisões de base do clube. E até rubro-negros torcendo pela Sérvia contra a Suíça, menos preocupados com a tabela do grupo do Brasil, mas mais por conta de Perkovic, talvez o maior ídolo do Flamengo, junto com Adriano, desde a geração do Zico. Lealdade e gratidão relacionadas ao clube deixando em plano secundário as nações.

Na Argentina, a cobrança sobre Messi recai frequentemente em cima de sua suposta falta de "argentinidade", já que foi para a Espanha com apenas 13 anos e não consegue repetir na seleção de seu país as atuações extraordinárias que exibe no Barcelona. Ao mesmo tempo que o idolatram, os argentinos questionam: seria ele argentino ou espanhol? É uma questão que nos remete ao nacionalismo. O próprio jogador já teve que dar entrevistas tentando mostrar que era "argentino".

O antropólogo Howard Becker disse, certa vez, que as mudanças que ocorrem na sociedade são evidentes, mas que algumas coisas não se modificam em meio a esta miríade de transformações. O futebol e o evento Copa do Mundo se transformaram em um negócio que movi-

menta muito dinheiro ao redor do planeta. No entanto, a crença de que estamos diante de um duelo entre nações persiste, ainda que venha perdendo ímpeto recentemente.

As seleções "nacionais" não são mais tão "nacionais", mas a crença de que elas o são cativa e atrai o torcedor. No Brasil, a seleção é formada por maioria de atletas que jogam no exterior, mas Coutinho, por exemplo, tem ligação com o Vasco. Daí o maior entusiasmo dos torcedores deste clube. Sentimentos de nacionalismo e de clubismo se misturam neste contexto, mas pendendo aqui para a lealdade clubística.

O futebol e o evento Copa do Mundo movimentam muito dinheiro ao redor do planeta. Mas a crença de que estamos diante de um duelo entre nações persiste

Afinal, estariam os torcedores catalães do Barcelona torcendo para a Argentina por causa do Messi e os espanhóis do Real Madrid por Portugal por conta de Cristiano Ronaldo?

Um emblemático exemplo de secundarização de nacionalismo pôde ser visto em 2014, quando muitos torcedores do Flamengo meo que "torceram" para a Alemanha por conta do uniforme rubro-negro. E agora, em 2018, a eliminação da Alemanha foi atribuída por eles à ausência deste uniforme. Nacionalismos e vínculos identitários clubísticos se misturando no maior evento do futebol.

A questão dos estilos é outra que sempre aparece nesta ocasião. Existiria um estilo de jogo próprio de cada país, e isso teria relação com as culturas? É uma questão difícil. Afinal, a maioria dos jogadores disputa campeonatos europeus. Porém, a crença nos estilos permanece e aí, no caso brasileiro, queremos não somente vencer, mas ver o nosso suposto estilo.

O fato é que todas as culturas costumam celebrar aquilo que as tornam únicas a seus olhos e aos olhos dos outros. No Brasil, a visão de fora foi importante para a "construção" do orgulho nacional. Desde a Copa do Mundo de 1938, a opinião dos europeus, sobretudo dos franceses, de que nossos jogadores seriam "baianos da bola", conforme colocou Gilberto Freyre em artigo de 1938 intitulado "Football Mulato", tem sido importante para a consolidação da crença de que teríamos um estilo único de jogar futebol. E que esta maneira de jogar estaria correlacionada a formas de utilização do corpo no samba e na capoeira.

Apesar de não termos evidência empírica da unicidade deste estilo, nem tampouco de sua correlação com samba e capoeira, a crença persiste mesmo com seleções sendo formadas por jogadores que não jogam em seus países. As convicções nos estilos e os vínculos identitários com clubes locais são demonstrações de "permanências" e "resistências" em um universo em constante transformação. ●

Ronaldo Helal é sociólogo e professor da Faculdade de Comunicação Social da Uerj